



NAS MONTANHAS DA LOUCURA

CAPÍTULO 1

Sou forçado a falar, uma vez que os homens da ciência se recusaram a seguir meus conselhos sem saber o que os motivara. É totalmente contra a minha vontade que comunico minhas razões para opor-me a esta projetada incursão à Antártica, com sua vasta caça aos fósseis e suas deliberadas perfurações que provocam o derretimento das antiquíssimas calotas polares. E estou ainda mais relutante porque meu aviso pode ser em vão.

A dúvida a respeito da veracidade dos fatos, uma vez que os tenha revelado, é inevitável. No entanto, se eu suprimisse o que parece incrível e extravagante, não sobraria nada. As imagens até agora retidas, tanto as comuns como as aéreas, contarão a meu favor, pois são incrivelmente vívidas e gráficas. Ainda assim, hão de ser questionadas por causa das grandes distâncias a que podem chegar as habilidosas falsificações. Os desenhos a tinta, é claro, serão ridicularizados como óbvias imposturas, apesar da estranha técnica neles aplicada, técnica esta que os especialistas em arte deveriam observar e questionar.

No final, devo confiar no julgamento e na posição dos poucos líderes científicos que, por um lado, possuem independência de pensamento suficiente para avaliar minhas informações, considerando os próprios méritos a elas intrínsecos, os quais são terrivelmente convincentes, ou à luz de certos ciclos míticos primitivos e enigmáticos. Por outro lado, porém, esses mesmos líderes possuem influência suficiente para dissuadir o mundo da exploração em geral de qualquer programa precipitado e excessivamente ambicioso na região daquelas montanhas da loucura. É um fato lamentável que homens tão desprovidos de fama, como eu e meus associados, ligados apenas a uma pequena universidade, tenham poucas chances de causar boa impressão no que diz respeito a assuntos de natureza extremamente bizarra ou um tanto controversa.

É ainda contra nós, que não sejamos, no sentido mais estrito, especialistas nas áreas primordiais que vieram a interessar. Como geólogo, meu objetivo ao liderar a Expedição da Universidade Miskatonic foi inteiramente o de obter espécimes de rocha e solo em níveis profundos de várias partes do continente antártico, com o auxílio da extraordinária perfuração planejada pelo Professor Frank H. Pabodie, do nosso departamento de engenharia. Eu não tinha a ambição de ser um pioneiro em qualquer outro campo senão neste, mas esperava que o uso desse novo aparelho mecânico em diferentes pontos, ao longo de trajetos previamente explorados, trouxesse à luz materiais de um tipo até então não alcançado por meio dos métodos comuns de coleta.

O aparato de perfuração de Pabodie, conforme o público já fora informado por nossos relatórios, era único e revolucionário por causa da sua leveza, portabilidade e capacidade de combinar o princípio da broca comum para perfuração de poço artesiano com o princípio da pequena broca circular, de forma a lidar rapidamente com estratos de dureza variável. Cabeça de aço, hastes articuladas, motor a gasolina, torre desmontável de madeira, parafernália de dinamitação, cordas, trado para remoção de entulho e tubulação seccional para realizar perfurações de treze centímetros de largura e até trezentos metros de profundidade. Tudo formado com os acessórios necessários. Nossa carga não pesava mais do que se

podia transportar em três trenós, cada um levado por sete cães. Isso foi possível graças à inteligente liga de alumínio com a qual a maioria dos objetos de metal foi fabricada. Quatro aviões Dornier grandes, projetados especialmente para a extraordinária altitude necessária no platô antártico, equipados com dispositivos adicionais de aquecimento de combustível e partida rápida, elaborados por Pabodie, eram capazes de transportar toda a nossa expedição de uma base na borda da grande barreira de gelo para vários pontos convenientes mais para dentro, e a partir desses pontos alguns cães nos serviriam.

Planejávamos cobrir uma área tão grande quanto permitisse uma estação antártica (ou mais, se absolutamente necessário), operando principalmente nas cordilheiras e no platô ao sul do Mar de Ross, regiões exploradas em graus variados por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com frequentes mudanças de acampamento, cujo transporte era feito por avião e que envolviam distâncias grandes o suficiente para ter significado geológico, esperávamos desenterrar uma riqueza de material sem precedentes, especialmente no estrato Pré-Cambriano, do qual uma variedade tão limitada de espécimes antárticos havia sido anteriormente coletada. Queríamos também obter a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores, uma vez que os primórdios da história da vida deste reino inóspito de gelo e de morte é de grande importância para nossa compreensão acerca do passado da Terra. É de comum conhecimento que o continente antártico já teve um clima temperado e até mesmo tropical, abrigando uma abundância de vida vegetal e animal, da qual os líquenes, a fauna marinha, os aracnídeos e os pinguins da margem norte são os únicos sobreviventes, e esperávamos expandir essas informações em variedade, precisão e detalhes. Quando uma pequena perfuração revelava sinais fossilíferos, alargávamos a abertura por detonação, a fim de obter espécimes de tamanho e condição adequados.

Nossas perfurações, cuja profundidade variava de acordo com os sinais apresentados na parte superior do solo ou da rocha, tinham de se restringir a superfícies de terra expostas, ou quase expostas (inevitável que fossem encostas e aclives, por causa da espessura de um e meio a três quilômetros de gelo sólido que cobria os níveis mais baixos). Não podíamos perder

tempo perfurando locais em que havia uma quantidade considerável de mera glaciação, embora Pabodie tivesse elaborado um plano para afundar eletrodos de cobre em conglomerados de perfurações a fim de derreter áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo movido a gasolina. É esse plano (que não poderíamos ter colocado em prática senão de modo experimental em uma expedição como a nossa) que a próxima Expedição Starkweather-Moore se propõe a seguir, apesar das advertências que dei desde nosso retorno da Antártica.

O público conhece a Expedição Miskatonic graças aos nossos frequentes relatórios para o jornal *Arkham Advertiser* e para o *Associated Press*, também por meio de artigos posteriores, meus e de Pabodie. Éramos quatro homens da Universidade: Pabodie, Lake, do departamento de biologia, Atwood, do departamento de física (e também meteorologista) e eu, representando o departamento de geologia e encarregado de liderar o grupo. Contávamos com dezesseis assistentes: sete alunos de pós-graduação de Miskatonic e nove mecânicos habilidosos. Destes dezesseis, doze eram pilotos de avião qualificados, mas somente dois eram operadores de rádio competentes. Oito deles entendiam de navegação com bússola e sextante, bem como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, é claro, nossos dois navios, antigos baleeiros de madeira, reforçados para a navegação em condições de gelo e com vapor auxiliar, contavam com a tripulação completa.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com o auxílio de algumas contribuições especiais, financiou a expedição. Portanto, nossos preparativos foram extremamente meticulosos, apesar da ausência de grande publicidade. Os cães, os trenós, as máquinas, os materiais de acampamento e as peças desmontadas dos nossos cinco aviões foram entregues em Boston, e lá nossos navios foram carregados. Estávamos muito bem equipados para nossos específicos objetivos, e em todos os quesitos em relação aos suprimentos, ao regime, ao transporte e às construções de acampamento, lucrámos com o excelente exemplo de nossos recentes predecessores, excepcionalmente brilhantes. Foi o número incomum e a fama de tais predecessores que fizeram nossa própria expedição, por mais ampla que fosse, ser tão pouco notada pelo mundo em geral.

Como relataram os jornais, partimos do porto de Boston no dia 2 de setembro de 1930. Seguimos um curso tranquilo ao longo da costa e atravessamos o Canal do Panamá, parando em Samoa e Hobart, na Tasmânia, onde recebemos os suprimentos finais. Nenhum dos integrantes da expedição jamais estivera nas regiões polares antes, portanto, todos nós confiamos muito nos capitães de nossos navios: *J. B. Douglas*, comandando o brigue *Arkham* e servindo como responsável pelo grupo marítimo, e *Georg Thorfinnssen*, comandando o barco *Miskatonic*, ambos baleeiros veteranos nas águas antárticas.

À medida que deixávamos o mundo habitado para trás, o sol mergulhava cada vez mais ao norte e ficava mais tempo acima do horizonte a cada dia que passava. A cerca de 60° de latitude sul, avistamos nossos primeiros icebergs (objetos de superfície plana com lados verticais) e pouco antes de chegarmos ao círculo antártico, que cruzamos no dia 20 de outubro com as cerimônias apropriadas, ficamos bastante preocupados com o campo de gelo. A queda de temperatura me inquietava sobremaneira após a nossa longa viagem pelos trópicos, mas procurei me preparar para os rigores ainda piores que estavam por vir. Em muitos momentos, os curiosos efeitos atmosféricos eram motivo de grande encantamento para mim, incluindo uma miragem incrivelmente vívida – a primeira que tive na vida – na qual icebergs distantes transformavam-se nas ameias de inimagináveis castelos cósmicos.

Após passarmos pelo gelo, que felizmente não estava compacto demais nem se estendia muito pelo caminho, chegamos novamente ao mar aberto a 67° de latitude sul e 175° de longitude leste. Na manhã de 26 de outubro, um forte clarão refletido das terras glaciadas apareceu ao sul e, antes do meio-dia, todos nós sentimos um arrepio de emoção ao contemplar uma vasta e sublime cordilheira coberta de neve que se apresentava e cobria toda a vista à frente. Finalmente encontramos um posto avançado no grande continente desconhecido e seu mundo oculto de morte gélida. Os picos obviamente eram a cordilheira do Almirantado, descoberta por Ross, e agora seria nossa tarefa contornar o cabo Adare e navegar pela costa leste da Terra de Vitória ao ponto onde planejavamos montar nossa base, na costa do estreito McMurdo, ao sopé do vulcão Erebus, na latitude 77° 9' sul.

A última etapa da viagem foi vívida e comovente. Grandes picos inóspitos e misteriosos surgiam constantemente a oeste, enquanto o baixo sol do meio-dia, ao norte, ou o sol da meia-noite, ao sul, ainda mais baixo e quase a ponto de tocar o horizonte, vertia seus nebulosos raios avermelhados sobre a neve branca, o gelo e os cursos de água azulados, bem como sobre porções negras de granito expostas nas encostas. Pelos desolados cumes varriam de todos os lados rajadas intermitentes do terrível vento antártico, cujas cadências por vezes acompanhavam a imprecisa reminiscência de uma melodia musical selvagem e semiconscente, com notas estendendo-se por uma ampla tessitura, e que por alguma razão mnemônica subconsciente me pareciam inquietantes e até vagamente terríveis. Algo sobre a cena me lembrou das estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nikolai Roerich¹, e das ainda mais estranhas e perturbadoras descrições do diabólico platô de Leng registradas no temido *Necronomicon*², do árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde, lamentei muito ter examinado aquele monstruoso livro na biblioteca da faculdade.

No dia 7 de novembro, com a visão da cordilheira oeste temporariamente perdida, passamos para a Ilha Franklin. No dia seguinte, avistamos os picos dos montes Erebus e o Terror na Ilha de Ross à frente, com a longa linha dos montes Parry além. Ali agora estendia-se para o leste a baixa e branca linha da grande barreira de gelo, elevando-se perpendicularmente a uma altura de sessenta metros, como os penhascos rochosos de Quebec, marcando o fim da navegação para o sul. À tarde, adentramos o estreito de McMurdo e paramos perto da costa, a sotavento do fumegante monte Erebus. O pico escoriáceo se erguia quase três mil e oitocentos metros contra o céu oriental, como uma impressão japonesa do sagrado Fuji-Yama, enquanto além dele se erguia a figura branca e fantasmagórica do monte Terror, com cerca de três mil e duzentos metros de altura, agora extinto como vulcão.

¹ Pintor e erudito russo (1874-1947) que, em uma expedição no Himalaia, pintou diversos quadros retratando as gélidas cordilheiras. (N.T.)

² Livro proibido fictício criado por H. P. Lovecraft, cujo nome significa *Livro dos Nomes Mortos* ou *Livro das Leis Mortas*, escrito por um árabe louco que nele depositou seu conhecimento acerca dos segredos de um culto mais antigo que a raça humana. (N.T.)

As nuvens de fumaça do Erebus vinham intermitentes, e um dos assistentes pós-graduandos, um jovem brilhante chamado Danforth, apontou o que parecia ser lava na encosta nevada, observando que esta montanha, descoberta em 1840, sem dúvida foi a fonte da imagem de Poe quando, sete anos mais tarde, escreveu:

*A lava que flui eternal
Sulfurosas correntes descendo Yaanek
No extremo frio glacial
Gemendo ao rolar pelo Yaanek
Nos reinos do polo boreal.*

Danforth era um ávido leitor de material bizarro e havia falado muito sobre Poe. Eu mesmo estava interessado na cena antártica do único romance de Poe, a perturbadora e enigmática Narrativa de Arthur Gordon Pym. Na costa árida e na alta barreira de gelo ao fundo, miríades de grotescos pinguins grasnavam e batiam as nadadeiras, enquanto podiam-se observar muitas focas gordas na água, nadando ou se esparramando em grandes pedaços de gelo que vagavam lentamente.

Com o auxílio de pequenos barcos, fizemos um difícil desembarque na Ilha de Ross pouco depois da madrugada do dia 9, levando um segmento de corda a partir de cada um dos navios e nos preparando para descarregar os suprimentos por meio de um sistema de boia suspensa por cabos. Nossas sensações ao pisarmos pela primeira vez em solo antártico eram pungentes e complexas, ainda que neste ponto específico as expedições Scott e Shackleton nos tivessem precedido. Nosso acampamento na costa congelada abaixo do contraforte do vulcão era provisório, e nossa base continuava sendo mantida a bordo do Arkham. Desembarcamos todos os nossos aparatos de perfuração, cães, trenós, tendas, mantimentos, tanques de gasolina, aparelhagem experimental para derreter gelo, câmeras – tanto as comuns como as aéreas –, peças de avião, entre outros acessórios, incluindo três pequenos aparelhos de rádio portáteis, além daqueles que havia nos aviões, para que pudéssemos nos comunicar com o equipamento

de grande porte do Arkham de qualquer parte do continente antártico que provavelmente receberia nossa visita. O equipamento do navio, que estabelecia comunicação com o mundo exterior, deveria transmitir boletins de imprensa à poderosa estação de rádio do *Arkham Advertiser*, em Kingsport Head, Massachusetts. Esperávamos concluir o nosso trabalho durante um único verão antártico, mas se o feito se revelasse impossível, passaríamos o inverno no Arkham, enviando o Miskatonic ao norte antes que o gelo se formasse, de modo a buscar mais suprimentos para outro verão.

Não preciso repetir o que os jornais já publicaram a respeito do nosso trabalho inicial: a subida ao monte Erebus, as bem-sucedidas perfurações minerais em vários pontos da Ilha de Ross e a velocidade singular com que o aparato de Pabodie pôde realizá-las, mesmo através de camadas de rocha sólida, o teste preliminar do pequeno equipamento de derretimento de gelo, a perigosa subida da grande barreira com trenós e suprimentos, e, por fim, a montagem final de cinco aviões gigantes no acampamento em cima da barreira. O quadro de saúde do nosso grupo terrestre – vinte homens e cinquenta e cinco cães de trenó do Alasca – era notável, embora, claro, até agora não tivéssemos enfrentado temperaturas ou tempestades de vento realmente violentas. Na maior parte do tempo, o termômetro variava entre -17°C e -6°C , ou ia de -4°C para cima. Nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra nos havia habituado a este tipo de rigor. O acampamento da barreira era semipermanente, destinado a ser um depósito de gasolina, provisões, dinamite e outros suprimentos.

Apenas quatro dos nossos aviões eram necessários para transportar o material de exploração, de modo que o quinto fora deixado no depósito com um piloto e dois homens dos navios, para que houvesse um meio de chegar até nós a partir do Arkham, caso todos os nossos aviões de exploração fossem perdidos. Mais tarde, em momentos em que não usávamos todos os outros aviões para transportar o equipamento, empregávamos um ou dois deles para o transporte entre este depósito e a outra base permanente no grande platô, que ficava entre novecentos e cinquenta e mil cento e trinta quilômetros de distância ao sul, para além da geleira Beardmore. Apesar dos relatos quase unânimes da ocorrência de ventos e tempestades

terríveis oriundos do platô, decidimos dispensar as bases intermediárias, arriscando-nos em benefício da economia e da provável eficiência.

Boletins via rádio falavam do impressionante voo de quatro horas, sem escalas, do nosso esquadrão no dia 21 de novembro por sobre a alta plataforma de gelo, pelos vastos picos que se erguiam a oeste, e os insondáveis silêncios que ecoavam ao som dos nossos motores. O vento não nos causou grande perturbação, e as nossas radiobússolas nos ajudaram quando passamos através da única neblina opaca que encontramos. Quando a vasta elevação avizinhou-se, entre as latitudes 83° e 84°, soubemos que havíamos alcançado a geleira Beardmore, a maior geleira de vale do mundo, e que o mar congelado agora dava lugar a uma linha costeira carrancuda e montanhosa. Finalmente adentrávamos o mundo branco e morto do extremo sul. Enquanto nos apercebíamos disso, vimos o pico do monte Nansen, a leste, elevando-se até sua altura de quase quinze mil pés.

O sucesso da instalação da base sul acima da geleira a 86° 7' de latitude, e 174° 23' de longitude leste, bem como das perfurações e explosões realizadas em vários pontos alcançados por nossas viagens de trenó e curtos voos de avião, com mais rapidez e eficácia do que se podia acreditar, são assuntos que constam nos registros históricos, assim como a árdua e triunfante subida do monte Nansen feita por Pabodie e dois dos pós-graduandos, Gedney e Carroll, nos dias 13 a 15 de dezembro. Estávamos a cerca de oito mil e quinhentos metros acima do nível do mar, e quando as perfurações experimentais revelaram terreno sólido a apenas três metros abaixo das camadas de neve e gelo em determinados pontos, fizemos uso considerável do pequeno aparelho de derretimento, introduzimos brocas e dinamitamos muitos lugares onde nenhum explorador anterior sequer pensara em coletar amostras minerais. Os granitos Pré-Cambrianos e os arenitos de Beacon obtidos dessa forma confirmaram a nossa crença de que aquele platô era homogêneo, como grande parte do continente a oeste, mas havia algo diferente nas partes situadas a leste, abaixo da América do Sul – que então pensamos formar um continente separado e menor, dividido da maior porção por uma junção congelada dos mares de Ross e Weddell, embora Byrd tenha, desde então, refutado a hipótese.